

Idéias em debate

ROBERTO MACHADO
DE CARVALHO

"Ibrahim Nobre foi, mais que um homem, uma instituição. A partir de certa época de sua vida, não mais se pertenceu; foi de São Paulo, e foi São Paulo" (Osmar Pimentel).

Poucos homens se identificaram tanto com a alma de um povo como Ibrahim Nobre. Intérprete insuperável do sentimento paulista, sua figura esbelta ocupa, por ómnia saecula, um lugar de honra no coração de São Paulo. Embora a razão de sua existência estivesse sempre ligada à intransigente defesa da Lei, da Justiça e da Ordem, foi 1932, o ponto mais alto e brilhante de sua brasilidade, a liderança maior à frente da revolta dos paulistas contra a usurpação do Direito. Nesse momento histórico, o notável tribuna se identifica com o sentir de São Paulo, porque "as feridas de São Paulo são as suas feridas, porque ele sente na própria carne. A angústia de São Paulo é a mesma angústia que o oprime, a angústia que aflige a consciência coletiva" (1).

Quis a providência que seu nascimento, aos 19 de fevereiro de 1888, fosse em pleno centro paulistano, isto é, a rua Direita, quando a "rua direita da Sé para o chá" ainda era residencial na conformação urbana da velha São Paulo. Mais tarde, diria: "Sou da Rua Direita. Calcule! Isso já vale por uma certidão de idade". Descendente de tradicional estirpe bandeirante de Capivari, Itu e Sorocaba, desde cedo revelou dotes de espírito e recebeu cuidados na formação de um caráter probo e bondoso. Sua infância foi a de um menino comum, ávido por brincadeiras e aventuras próprias da idade. Corria pelos terrenos da várzea do Carmo e das encostas da Glória, então áreas suburbanas. A família dos Nobres havia transferido residência para uma travessa no início da rua da Glória. A primeira escola que frequentou foi o Ginásio Episcopal, matriculando-se, logo depois, no tradicional Ginásio do Estado, onde fez todo o curso de humanidades, privando com mestres de renome como o filólogo Sílvio de Almeida e o lente de francês, José de Freitas Vale. Ibrahim dedicava-se aos estudos e manifestava vocação oratória. Assíduo leitor dos clássicos, preferia o poeta mantuano Virgílio, deliciando-se com a "Eneida" e as "Geórgicas". Ainda jovem estudante teve ímpetos de abraçar a medicina, desejoso de colocar-se a serviço do homem naquilo que ele tem de mais precioso, a saúde. Já adiantado — cinco anos de estudos das ciências médicas — preferiu mudar, considerando que o campo do direito estava mais conforme sua personalidade, propensa a defender os injustiçados e a distribuir justiça. Matriculou-se, então, na velha Academia de Direito do Largo de São Francisco, bacharelando-se com a turma de 1909. Ibrahim, guardado, pela existência afora, um carinhooso afeto pela Academia de Direito. Em inúmeras ocasiões invocou as Arcadas, identificando-a com a própria alma do Brasil. Para escutá-la, "bastava-lhe ajustar os ouvidos ao coração da Academia! E escutar! E sentir! São passos do Passado que passam, num frêmito de sonhos que reflui. É o reviver de todas as fanfarras. Claro eco de todas as patrulhas. É Castro Alves que clama! É Ruy!" (2).

No mesmo ano de sua formatura, a 15 de novembro de 1909, contraiu matrimônio com Da. Brisabela Barbosa de Almeida Nobre, a extremosa esposa, companheira compreensiva e solidária em todos os momentos, tristes e alegres. Tiveram uma única filha, Da. Elisa Carolina Nobre Ribeiro da Luz. Um casamento tão feliz que perdurou além da vida. Ao sofrer o golpe da perda de sua querida Brisa, como a tratava na intimidade — faleceu em 7 de julho de 1962 — Ibrahim recolheu-se, permaneceu triste, meditativo, preferindo o versejar ao convívio social. Transbordava seus sentimentos de constante pesar, sem deixar, porém, de manifestar o consolo de um boníssimo coração. A solidariedade com a humanidade, que sempre o acompanhou, é visível em suas frases, ao desejar que todos fossem felizes e conservassem a felicidade que ele perdera, após a separação da idolatrada esposa. "Que Deus mantenha na alegria alheia, toda a alegria que tirou de mim", passou a ser uma de suas máximas.

Bacharel, abriu escritório de advocacia na Rua de São Bento, onde atendia clientes, estudava e poetava. Antes dos anos 20, Arlindo Barbosa, poeta e jornalista que, em sua juventude, conheceu Ibrahim, lembra que o futuro tribuna escreveu muitas poesias. Lamenta, porém, que "seus trabalhos não tiveram divulgação, porque o poeta tinha um horror à publicidade, a comemorações e festinhas de homenagens, muito em voga naquela

época" Recorda que, com Francisco Orlandim, escritor e bancário, escrevera "General Café", peça teatral que, segundo consta, "ficou dormindo nas gavetas do poeta". E traça um admirável perfil do jovem Ibrahim: "Sempre o víamos solitário, elegante, ora pelos cafés, ora pelas excelentes confeitarias daqueles tempos e bares de saudosos memórias, como o Bar Viaduto. Quando Ibrahim aparecia nas ruas do Triângulo (15 de novembro, Direita, e São Bento), exibindo ternos recortados pelos últimos figurinos ingleses, cabelos abundantes, revoltos, gravata condizente com a cor do terno, eu me impressionava, vendo naquele homem alto, uma figura de lorde e mais, nacionalmente, um solitário coqueiro dominando uma planície merencórea" (3). O famoso Café Guarani na Rua 15 de novembro era o ponto de encontro de poetas, escritores, jornalistas e estudantes de direito. Conta Arlindo Barbosa que, certo dia, numa das mesinhas de mármore, leu e anotou uns versinhos, escritos a lápis e anônimo sob o título Perfil:

"É um poeta extraordinário
Que declama do firmamento
Coqueiro alto e solitário
Que murmura ao vir do vento
O mais belo pensamento,
Quando o céu vermelho o cobre
Com o poente carmezin
Eis o poeta muito "nobre"
Que tem o nome de Ibrahim"

Ingressando na carreira de delegado de polícia, Ibrahim desempenhou exemplar atuação, tendo sido considerado o melhor delegado de polícia da época, em São Paulo. Inicialmente exerceu o cargo em Salesópolis e Casa Branca. O venerando acadêmico-escritor Menotti Del Picchia conheceu Ibrahim como delegado regional de Santos (1917), em seu posto na velha cadeia, hoje patrimônio tombado. O prestígio de sua autoridade era fruto do "rigor com que impunha ordem e paz nos meios turbulentos do porto" (4), enfrentando greves de estivadores, perseguindo contrabandistas e, não raro, mantendo lutas corporais com bandidos. Dada a fama do delegado, Menotti pressentiu que iria deparar com uma figura sinistra. Conta, em suas reminiscências, que deu-se justamente o contrário: "Primeiro, Ibrahim não era o lutador de "catch" que eu imaginava, mas um apolíneo atleta vestido como um Brummell. Longo, esgalgo, peito largo de ombros acrescidos pela arte do alfaiate, parecia mais uma personagem de romance do que um alto e perigoso funcionário da polícia. Segundo, naquele casarão esborçado onde, em celas escuras de grossas grades de ferro uivavam fascinosas, Ibrahim ornamentara, com um luxo de artista, seu gabinete de trabalho. Ele nos recebeu como um diplomata e nos agasalhou como um príncipe" (Menotti estava acompanhado de seu concunhado Assunção Filho). Exercia o cargo com exemplar dignidade, honestidade e franqueza. Procurava, antes de qualquer ação mais enérgica, o diálogo, a tentativa de soluções pacíficas. Justiça com ordem, era seu lema. Certa ocasião, ferveu uma greve de trabalhadores do porto santista. Ibrahim, com a coragem de sempre, enfiou-se no meio deles, para dizer que reconhecia as justas reivindicações, mas não iria admitir qualquer perturbação da ordem. Todos os grevistas podiam contar com ele, estando disposto a ajudá-los, mas conservando a ordem. Era um fervoroso amigo dos caminhos legais para resolver questões trabalhistas. Sua ação, através do diálogo franco, foi o suficiente para apaziguar os ânimos, encerrar o movimento e conquistar a simpatia dos reclamantes. Corria pelo Estado sua maneira inteligente e diplomática de preservar a ordem coletiva. Nessa ocasião, o presidente Wenceslau Braz autorizava a entrada do Brasil na 1ª Grande Guerra. Tensões e escaramuças aconteceram no porto de Santos entre marinheiros e trabalhadores. Ibrahim volta à carga e proclama: "Brasileiros! Vou retirar todas as tropas das ruas. Estou sozinho. Apelo para o patriotismo de todos. Confio em vocês". E a ordem foi restabelecida.

De delegado passa para o Ministério Público, 3º promotor da Capital. Vai atuar no tribunal do Júri. Aqui, floresce toda a dimensão e grandeza do homem. É valioso o testemunho do jurista Adriano Marrey: "...inimitável como orador, inconfundível na entonação com que sublinha as idéias, peculiar e particularíssimo na teatralidade dos gestos com que, na Tribuna do Júri, dava vida às imagens que lhe brotavam espontâneas, como gorgoeiras na catadupa do pensamento — rico, diverso, matizado de expressões somente suas" (5).

Na tribuna judiciária, Ibrahim emocionava os presentes e arrancava aplausos e admiração dos paulistas. A sala do Júri era pequena para conter os atraídos pela vibração da palavra daquele que, como um Cícero, foi um dos maiores oradores

que já passaram pelo Ministério Público de São Paulo. Adotou as normas de uma profunda compreensão pelo homem, o réu que aguardava julgamento. Analisava os prós e os contras da causa, jamais tripuando sobre a dignidade dos réus; muito menos permitia que a tribuna da Promotoria fosse enodada por mesquinhas humilhações ou perseguições. Pelejava pela Justiça.

"Todo São Paulo o admirava como promotor público. E os promotores da capital tinham, realmente, serviços, pois quase todos os crimes eram debatidos em júri e julgados pelos senhores jurados ou conselho de sentença, juizes de fato que decidiam o seu voto levados pelas palavras da acusação e da defesa. Ibrahim era um monumento! Topava notáveis oradores e quanto mais fortes eram estes, mais macio, mais convincente, mais argumentador, mais orador, mais poeta, mais jurista, mais artista, era o grande Ibrahim, que andava, declamava, expunha, desenhava, dava, à sua voz sedutora, tonalidades diferentes, empolgando o júri, seduzindo o imenso público que o ouvia religiosamente no grande salão.

— Quem é o promotor? era a pergunta que o porteiro do salão do júri ouvia, quando se procedia a algum julgamento.

— É o dr. Ibrahim.
A sala, a essas horas, já estava repleta. Ainda o vemos, de autos em punho, argumentando, interpellando, colorindo cenas com raras e rápidas pinceladas, descrevendo tipos, entrando-lhes na alma e de lá tirando a causa do crime" (6).

Quantas páginas de sabedoria poderia ter deixado. A escrita, porém, não era sua forte. "Sendo preponderantemente orador, ele irradiou o seu pensamento através da palavra, de que a reprodução gráfica quase nada conservou. Um orador nato: orador que improvisava uma eloquência fascinante; orador que empolgava perante os feitos do passado; orador quando, incendiado por uma paixão irremovível se dirigia ao povo para a defesa dos direitos, que a sua consciência cívica julgava invioláveis. Guardam, seus contemporâneos, memória das acusações proferidas no foro paulista. Ninguém o superava na dialética, sobretudo na emoção que comunicava aos jurados e ao público, tocado de vibração cívica. E na tribuna judiciária arrancava a solidariedade geral no repúdio ao crime, ao violento e prepotente que fazia vítimas e violava direitos... A seu lado os fracos faziam-se fortes. As vítimas eram exaltadas pela satisfação dos direitos. Ele era a voz dos que não tinham voz. A emoção dos que a reprimiam. A militância dos desarmados" (7).

O momento culminante na vida de Ibrahim ainda estava por chegar. Foram os dias e os meses de 1931 e 1932. E neles que se agiganta, tornando-se um dos homens mais populares de São Paulo. Seu verbo, exube ante e grandiloquente, fala por São Paulo e não admite e exige. Todos os que o conheceram naqueles idos, proclamaram sua coragem cívica, sua figura altaneira identificada com as tradições de liberdade e os brios de São Paulo. E, "só quem não o conheceu, alto, cabeleira romântica, o olhar fulgurando nas irradiações da inspiração do tribuna, podem descer do domínio de um homem sobre a multidão. A empoação da voz, os gestos largos, no arroubo de sua eloquência, completavam o orador perfeito que ele foi. Arrastado, seduzido por ele, o povo encaminhou-se aos quartéis, pedindo aos soldados que com ele confraternizassem" (8).

Ibrahim Nobre foi o símbolo maior da consciência cívica paulista em 32, a alma da histórica epopeia, "a paixão pela sua terra, o amor pela sua gente, as qualidades humanas que lhe exornavam a personalidade, a sua alma de poeta e o seu gênio oratório — que dele fez nas horas culminantes de sua tão generosa existência o animador, o guia, o condutor naquela hora culminante também para São Paulo, em que os paulistas se uniram num só e formidável bloco monolítico para a deflagração da Revolução de 1932" (9).

Seu brado de alerta — como faria, mais tarde, Armando de Salles Oliveira, ao advertir os chefes militares sobre as intenções ditatoriais de Getúlio — foi registrado um ano e meio antes da Revolução, nas páginas da saudosos A Gazeta, de Casper Libero, edição de 25 de janeiro de 1931. O jornalista, num rasgo de coragem, mandara publicar o poema MINHA TERRA! MINHA POBRE TERRA! Eis o título da conclamação de Ibrahim aos paulistas. Coração e armas em defesa da Lei e da dignidade de São Paulo. Sua voz deixa a tribuna do Júri para ganhar as ruas. Nessa altura, as provocações e vilipêndios contra São Paulo corriam céleres. E Ibrahim indaga: "És paulista? Ah! Então tu me compreendes! Trazes, como eu, o luto em tua alma e lâminas de fel no coração. Ferve em teu peito a cólera sagrada, de quem recebe

em face a bofetada, o insulto, a vilania, a humilhação..." O poema é um hino em defesa da honra ultrajada — "Mães paulistas, ensinais aos vossos filhos, que o sangue nada vale pelo que corre, humanamente nas veias, mas pelo que palpita divinamente no coração. Que filhos que vêm da honra, morrem com honra, pela honra! — e das liberdades — "Que não há lar livre, em terra escrava!". E termina, tocando nos brios dos paulistas: "Olhai! Lá fora estão passando os funerais da nossa geração e do nosso pudor! E então, homens?" O mundo, ao seu redor, quase sempre não o compreendia. No poema, colocara, mais que o amor, os rasgos de uma paixão inextinguível, contornos de seu temperamento arrebatado; por isso mesmo, era o retrato de um homem "que sofreu porque muito amou e que se estratificou no próprio sonho político e social de sua geração... Daí, talvez, o traço do drama que nele víamos, sozinho nas suas lides e nas batalhas de sua fé... e apesar de be-falante, exuberante de linguagem, de imagens e de gestos, tão sociável e tão amável, mal podia esconder um profundo lastro de melancolia que chegava a transmitir aos seus amigos mais atentos" (10).

Em 22 de maio de 1932, Ibrahim à frente da multidão, dirige-se ao Quartel General, localizado na rua Cons. Crispiano. Diante da guarda, ergue-se a voz do tribuna: "Aqui estamos numa jornada de confraternização. Ou vocês, soldados, estão conosco, e recebem-nos e acolhem-nos, ou não estão e, neste caso, sejam sinceros e atirem para matar-nos — pela culpa de não quererem ser escravos!" (11). Ao anoitecer, a ordem é seguir para o Palácio dos Campos Elíseos. Pedro de Toledo, até então interventor federal, ordena a abertura dos portões. Ibrahim coloca-se ao seu lado e fala: "Sou promotor de Justiça! Acuso a ditadura! Acuso-a com as agravantes de seu crime: a surpresa, o disfarce, a traição! Surpreendeu-nos a boafé! Disfarçou-se de liberdade! Apunhalou-nos pelas costas!". E pergunta a Pedro de Toledo se "está conosco, com São Paulo, com os nossos anseios, com as nossas aspirações, ou se devemos abrir trincheiras no meio das ruas?". E termina, conclamando: "Estamos algemados dentro de uma senzala e v. exa também está nesta senzala! v. exa tem de sair com os paulistas, para reivindicar a liberdade perdida!" (12). A conclamação é incisiva: "ou fica com os paulistas ou com a ditadura". Momentos decisivos. Pedro de Toledo é aclamado "governador dos paulistas". Daí, para o início da "guerra cívica", em 9 de julho foi um passo. Ibrahim reafirma o espírito de brasilidade dos paulistas, a desmentir, cabalmente, qualquer resquício de separatismo, como apregoavam os partidários do caudilho. Seu brado de luta ressoa por toda Piratininga: "Até que enfim, minha terra. Chegou a hora, a hora física de nossa fé brasileira!" (13). Perdida a guerra, ganha a causa pela Constituição e governo civil e paulista, cresce a altivez de Ibrahim. O soldado engajado no Batalhão que adotou o nome de batalhão, sob o comando de Pedro Dias de Campos e que lutou nas frentes de Ourinhos, Fartura, Bernardino de Campos, Chavantes e outras localidades, é conduzido, preso, ao Rio de Janeiro. Levado para a sinistral Sala da Capela (Casa de Correção), em outubro de 32, Ibrahim, ao lembrar esse tempo, dizia: "A prisão! Em geral, os homens livres são os mais presos. Mas foi para Você, minha Terra! E por Você! Bendito seja Deus. Para tão grande Fé, tão nula pena!" (14). Abrem-se os inquéritos e interpeleções. Como sói acontecer, há de tudo: corajosos que expõem a verdade, tímidos, recalitrantes, fracos que negam participações. Ibrahim é claro e eloquente diante dos representantes do governo federal. Num expressivo trecho de seu depoimento, declara: "... que tem responsabilidade no movimento, cuja eclosão se processou em 9 de julho próximo findo; que tem essa responsabilidade e a assume integralmente" (os grifos são meus). Em seguida, a nobreza de caráter e a fidelidade aos companheiros de lutas: "que, não acusando, nem denunciando quem quer que seja, não sabe fazer referências a qualquer nome que, porventura, esteja implicado no mesmo movimento; que nada sabe sobre as reuniões preparatórias sobre o movimento em apreço; que foi organizado um batalhão, a que se insistiu em dar o nome do declarante... que o movimento tinha por única finalidade o retorno do País à ordem legal; que nunca, jamais, recebeu dinheiro algum destinado ao movimento; que o batalhão "Ibrahim Nobre" estava incorporado à Força Pública e por ele está comandado" (15) (os grifos são meus).

Por São Paulo, aceita a exoneração do cargo no Ministério Público e o exílio. Sobre este, diria: "Sim, tive essa condecoração". O velho Portugal o recebe e a imprensa lisboeta dá notícia: "Dr. Ibrahim

Nobre, promotor da Justiça Pública de São Paulo". Retornando à pátria, via Uruguaí, prossegue fugitando a ditadura. Perguntado se, ao voltar do exílio, esquecia o que passou, respondeu: "Ai de mim! O que se passou, para mim, não passará jamais. Paulista: compreenda 32 e não esqueça. Paulista: assunte a atualidade. E não se iluda". Sobre 32, declara que "não é uma saudade, apenas. É um estímulo. Uma advertência, uma Fé. E a Fé não tem ontem nem amanhã, tem sempre a divina atualidade de hoje". Altaneiro, responde aos que desejavam vê-lo de volta do Ministério Público: "Da ditadura, eu não quero nem justiça". Somente em 1947, dois anos após a queda de Vargas, é reintegrado no cargo de promotor e, nesse mesmo ano, é nomeado por José Carlos de Macedo Soares, interventor federal, num de seus últimos atos, para o cargo de subprocurador geral da Justiça, onde permanece até a aposentadoria.

Permaneceria a oratória e a vocação poética. Horas disponíveis entregues aos devaneios intelectuais. Era natural sua presença nas mais conspícuas instituições culturais de São Paulo, entre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a Academia Paulista de Letras. Em 9 de julho de 1960, a imprensa paulistana dava destaque à posse, naquele dia, de Ibrahim Nobre na Academia, para ocupar a cadeira n.º 21, tendo como patrono, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, fundador, José Luís de Almeida Nogueira e antecessores, Álvaro Guerra, Roberto Simonsen, José Freitas Valle e Plínio Barreto (16). O silego do Largo do Arouche recebia o "ardoroso combatente dos comícios e das trincheiras de 32... ele que encarnava a oratória que sacudiu, em todos os quadrantes, a energia e a coragem dos paulistas" (17). Para A Gazeta, ao se tornar "imortal", a figura de Ibrahim Nobre continua em pleno fastígio e São Paulo se rejubila por ver e sentir os seus acadêmicos abrirem as portas da ilustre companhia ao grande líder da tribuna revolucionária" (18). Comparando Ibrahim com Antônio Carlos, o grande tribuna da Constituinte de 1823, o acadêmico Leonardo Arroyo disse que nele "havia a mesma alegria nativa, o mesmo entusiasmo pelas coisas de sua terra, a mesma saúde que o permitia, pouco antes de morrer, receber jantares de homenagem. Foi maior orador que escritor. Era de boa altura e compleição forte, fisionomia aberta, alegre, comunicativa, como o velho Andrada" (19).

Ao completar 80 anos (1968), Ibrahim, com a vasta cabeleira esbranquiçada e revolta, esplêndida o mesmo verbo de sempre, lembrando o condutor das multidões dos idos de 32. É um ídolo de São Paulo. "Ali vai o Ibrahim", era a expressão dos jovens e adultos. Aos amigos e jornalistas que o procuravam, recordava o São Paulo de outrora, "tão bom, tão gostoso, tão nosso". E acrescentava: "Jamais deixei o meu São Paulo. Terra dos meus e meu berço, aqui se processou o meu destino, aqui vivi minha obscuridade e aqui, um dia, alcançarei a minha paz". Apreciava a boa música, especialmente as composições do maestro itiano Elias Álvares Lobo.

Cidades e Serviços

Jornada Científica Incor-88

Dando continuidade a programação das jornadas científicas, o Instituto do Coração realizará nos próximos dias 26 e 27 de fevereiro o terceiro módulo, que abordará o tema Endocardite Infecçiosa e Infecção Hospitalar, sob orientação dos

Sereno, consciência tranqüila, ainda pelejando pelo amor e justiça, acompanha os acontecimentos paulistas e nacionais, de sua casa-bangalô, rodeada de árvores, da rua Salto, Jardim Paulista. Amor, ao pedir "enterrém-me com Brisa... deixeth-me com Brisa. Jamais separem nossas cinzas". Justiça, ao registrar seu último desejo: "coloquem, no caixão, a velha toga de promotor". O calendário marcava o dia 10 de abril de 1970. Toda São Paulo chorava diante do esquife armado no saguão da Academia Paulista de Letras. Junto ao túmulo, no cemitério São Paulo, Elias Santos de Oliveira, corneteiro oficial dos combatentes de 32, executa "Excelência! Missão cumprida". Depois, o toque de silêncio. A maior homenagem póstuma deu-se com a trasladação dos depósitos para o Mausoléu do Ibirapuera, onde repousam os heróis de 32, e a criação de uma estátua, bem de frente, como a indicar, aos paulistas, o caminho de um Brasil melhor e mais feliz.

Notas:

- (1) Theodolindo Castiglione, discurso in Ordem homenageia Ibrahim Nobre, O Estado, 3 de janeiro de 1971, p. 27.
- (2) Ibrahim Nobre, Minha Terra! Minha Pobre Terra!
- (3) Arlindo Barbosa, Ibrahim Nobre in A Gazeta, 9 de julho de 1960, p. 29.
- (4) Menotti Del Picchia, A Longa Viaagem, 2ª Etapa, Martins, 1972, p. 26.
- (5) Apud Oscar Xavier de Freitas, Elogio de Ibrahim Nobre na Academia Paulista de Direito, patrono da cadeira n.º 5, in O Estado, 25 de março de 1973.
- (6) Arlindo Barbosa, idem, ibidem.
- (7) Theodolindo Castiglione, idem, ibidem.
- (8) Ernesto Leme, A Revolução Constitucionalista de 32, Revista do IHGSP, vol. LXXI, 1974, p. 325.
- (9) São Paulo perde Ibrahim Nobre, in O Estado de São Paulo, 10 de abril de 1970.
- (10) Leonardo Arroyo, discurso de posse na Academia Paulista de Letras, 14 de outubro de 1970, Revista da Academia, n.º 78, p. 57.
- (11) Apud Silveira Peixoto, Do 23 de maio que eu vi e vivi, Revista do IHGSP, vol. 12.
- (12) Apud Silveira Peixoto, idem, ibidem.
- (13) Ibrahim Nobre, Discursos no período revolucionário de São Paulo, São Paulo, 1931-1934.
- (14) Ibrahim Nobre, A revolução de 32, entrevista in A Gazeta, 9 de julho de 1962.
- (15) A Campanha Revolucionária de 1932 (depoimentos prestados, no Rio de Janeiro, às autoridades da ditadura), Editorial Bandeirante, São Paulo, apresentações de Jair Pinto de Moura.
- (16) O sucessor de Ibrahim na cadeira n.º 21 foi Leonardo Arroyo; atualmente é ocupada pelo Desembargador Odilon da Costa Manso.
- (17) Ibrahim na Academia Paulista de Letras, in A Gazeta, 9 de julho de 1960, p. 3.
- (18) Idem, ibidem.
- (19) Leonardo Arroyo, idem, ibidem.

O autor é membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e pertence às Academias Paulistas de História e Cristã de Letras

professores drs. Fulvio Pillegi e Adib Jatene.

Inscrições e informações pelo telefone 282-7766 ramal 222 ou 281, Instituto do Coração, Hospital das Clínicas, na av. Dr. Eneas de Carvalho Aguiar, 44, Cerqueira César, São Paulo, CEP 05403.

Prêmio Fiesp de reportagem
tem novo prazo

Foi prorrogado até 30 de abril o prazo de inscrição ao prêmio de reportagem sobre o papel da indústria, instituído pelo Instituto Roberto Simonsen do Fiesp durante a comemoração do "Dia da Indústria", ano passado.

O concurso, de âmbito nacional, já recebeu inscrições de reportagens do Jornal do Brasil, A Tribuna e O Estado de S. Paulo. Para se inscrever ao prêmio, cujo valor é de quase mil OTNs, basta enviar cinco exemplares do material publicado à Assessoria de Comunicação Social da Fiesp — av. Paulista, 1.313, 10º, cj. 1.012, CEP 01311, São Paulo. O regulamento do concurso pode ser en-

contrado na própria ACS ou nas delegacias do Ciesp no Interior.

Loteria da Habitação

O resultado da Loteria da Habitação de ontem foi o seguinte:

- 1) 02.602
- 2) 72.269
- 3) 82.272
- 4) 45.688
- 5) 59.619
- 6) 50.709
- 7) 74.828
- 8) 19.304
- 9) 06.822
- 10) 47.073